

## **POR UMA HISTÓRIA GLOBAL DO POPULISMO: UMA OPÇÃO VIÁVEL?**

Roberto Junio Martinasso Ribeiro<sup>1</sup>

**Resumo:** A manifestação de eventos políticos ou sociais que tenham abrangência global exige dos estudiosos um esforço adicional para identificar singularidades e semelhanças entre si. Para os historiadores, essa tarefa se torna ainda mais relevante à medida que se buscam atribuições conceituais aos acontecimentos, com o objetivo de compreendê-los de maneira mais profunda. Dividido em três partes, este artigo aborda a problemática das possibilidades de se escrever uma história global do populismo. Com base em parte da bibliografia pertinente, e sem desconsiderar as distintas perspectivas e abordagens, este texto busca contribuir com novas reflexões sobre o populismo enquanto fenômeno de alcance global. O texto inicia-se com uma breve síntese do debate sobre a história global, apresentando as possíveis frentes dessa abordagem. Em seguida, o populismo é examinado sob uma ótica historiográfica, com ênfase para abordagens a partir de diferentes contextos históricos e escalas de análise. Por fim, as considerações finais sintetizam as principais ideias no sentido de uma construção de uma história global dos movimentos populistas.

**Palavras-chave:** Conceito; Populismo; História Global.

### **FOR A GLOBAL HISTORY OF POPULISM: A VIABLE OPTION?**

**Abstract:** The manifestation of political or social events with global scope requires scholars to make an additional effort to identify both their singularities and similarities. For historians, this task becomes even more relevant as conceptual attributions are sought in order to achieve a deeper understanding of such phenomena. Divided into three sections, this article addresses the question of whether it is possible to write a global history of populism. Drawing on part of the pertinent bibliography, and without disregarding distinct perspectives and approaches, the text aims to contribute new reflections on populism as a phenomenon of global reach. It begins with a brief synthesis of the debate on global history, presenting the possible directions of this approach. Next, populism is examined from a historiographical perspective, with emphasis on analyses grounded in different historical contexts and scales. Finally, the concluding remarks synthesize the main ideas in the direction of constructing a global history of populist movements.

**Keywords:** Concept; Populism; Global history.

---

<sup>1</sup> Graduado em História pela Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo, Pós-graduado em “Especialização em História do Brasil pelo Centro de Educação Aberta e a Distância da Universidade Federal do Piauí e Mestrando no Programa de Pós-graduação em História na Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6733806606087079>. E-mail: [martinasso.roberto@unifesp.br](mailto:martinasso.roberto@unifesp.br).

## Apresentação

Como ponto de partida para este trabalho, considero de antemão seu problema central: seria possível escrever uma história global do populismo?

Abordagens macro-históricas têm ganhado fôlego entre os historiadores nas primeiras décadas do século XXI. Com especial atenção à História Global, essa vertente tem se demonstrado como caminho viável na construção de uma historiografia que rompa cada vez mais com abordagens marcadamente forjadas em nacionalismos metodológicos.

De outra maneira, atualmente, o conceito de populismo é caracterizado pelos meios de comunicação neoliberais como um termo desqualificativo, usado de forma indiscriminada para rotular políticos de direita e esquerda que adotem medidas ou comportamentos que são identificados como de forte apelo popular ou que não atendam à agenda neoliberal<sup>2</sup>. Tal compreensão promove, além do esvaziamento do conceito, sua vulgarização<sup>3</sup>. Outro debate importante parte dos intelectuais do campo da história. Alguns deles têm rejeitado a percepção de populismo por considerarem promotora de uma noção que obscurece a compreensão da relação entre Estado e massas, sintetizada por meio de ideias como manipulação e cooptação<sup>4</sup>.

Doravante a globalidade alcançada pelo populismo enquanto conceito e categoria explicativa de fenômenos globais, almejo aprofundar a problemática inicial e acender o debate realizando uma revisão bibliográfica e considerando diferentes interpretações acerca da História Global e do

---

<sup>2</sup> Considerando apenas os agentes contemporâneos, e a título de exemplo, políticos contemporâneos como Luiz Inácio Lula da Silva, Jair Messias Bolsonaro, Javier Milei, Nicolás Maduro e Donald Trump, entre outros, são frequentemente descritos como agentes populistas em grandes veículos de mídia.

<sup>3</sup> PEREIRA NETO, Murilo Leal. Conclusão. *O voto e a vida: democracia, populismo e comunismo nas eleições de 1954 e 1962 em São Paulo*. 3. ed. São Paulo: Alameda, 2023, p. 629-630.

<sup>4</sup> DUARTE, Adriano; FONTE, Paulo. O populismo visto da periferia: Adhemarismo e Janismo nos Bairros da Mooca e São Miguel Paulista (1947-1953). *Cadernos AEL*, Campinas, v. 11, p. 83-125, 2004. Disponível em: <https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/ael/article/view/2534>. Acesso em: 27 set. 2025.

Populismo, sem, no entanto, apresentar uma resposta definitiva acerca da possibilidade da escrita de uma história global do populismo, dado o objetivo e a extensão deste trabalho<sup>5</sup>. Dividido em três momentos, a primeira parte volta-se à compreensão do que os historiadores consideram como a História Global e suas ramificações, apresentando o atual estado da arte. Em seguida, apresento o populismo como conceito e fenômeno histórico. Realizada essa etapa, o problema inicial será retomado e aprofundado a partir de uma perspectiva historiográfica. Por fim, e não menos importante, apresento as considerações finais, buscando responder à questão inicialmente proposta.

### **História global**

Como destacado anteriormente, as abordagens macro-históricas têm ganhado fôlego renovado entre os historiadores nas primeiras décadas do século XXI. Apesar de não contar com uma definição unânime entre os estudiosos, segundo João Júlio Gomes dos Santos e Monique Sochaczewski, a História Global conta com “características claras, sobretudo a ideia de pensar a história para além das fronteiras nacionais e também a necessidade de ‘provincializar’ o Ocidente”<sup>6</sup>.

No livro *O que é história global?*, Sebastian Conrad<sup>7</sup> busca responder, em dez capítulos, o que considera como essa vertente da historiografia contemporânea. Na obra, Conrad não somente identifica abordagens de diferentes temporalidades e espacialidades, como também demonstra questões metodológicas relacionadas à constituição das histórias globais. No primeiro capítulo, o autor destaca que:

---

<sup>5</sup> Este trabalho foi elaborado como parte dos critérios de avaliação da disciplina Populismo e Neopopulismo no Brasil e na América Latina: História e Debate, ministrada pelo Prof. Dr. Murilo Leal Pereira Neto, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), no segundo semestre de 2024.

<sup>6</sup> SANTOS JÚNIOR, João Júlio Gomes dos; SOCHACZEWSKI, Monique. História global: um empreendimento intelectual em curso. *Tempo*, Niterói, v. 23, n. 3, set./dez. 2017. p. 483.

<sup>7</sup> CONRAD, Sebastian. *O que é história global?* Tradução de Teresa Furtado e Bernardo Cruz. Lisboa: Edições 70, 2019.

Uma definição preliminar e bastante *lata* de história global pode ser formulada da seguinte maneira: é uma forma de análise histórica que situa os fenômenos, os eventos e os processos em contextos globais. No entanto, não existe um consenso sobre o caminho que se deve percorrer para atingir tal resultado<sup>8</sup>.

Apropriando-se da definição de Conrad, que define História Global a partir da noção de integração de estruturas tecnológicas, imperiais, econômicas, culturais e biológicas<sup>9</sup>, deduziu-se que o populismo encontra correspondências em diferentes realidades históricas, e por isso pode ser analisado a partir de uma perspectiva global. Essa questão retornará de forma mais aprofundada na conclusão do artigo.

Novamente segundo Santos e Sochaczewski, uma das chaves interpretativas pode ser verificada pela perspectiva dos 4Cs (conectar, comparar, conceituar e contextualizar), apresentada pelo autor argentino Diego Olstein no livro *Thinking history globally*, de 2015<sup>10</sup>. Em sua obra, Olstein analisa o governo de Juan Domingo Perón (1946-1955) a partir do exercício dos 4Cs, inserindo assim o populismo numa escala muito mais ampla e extrapolando as marcas metodológicas estritamente nacionais desse evento.

Exemplificando a proposta de Olstein, Santos e Sochaczewski indicam que a conexão dar-se-ia com a Inglaterra, pois apresentaria uma crise que comprometeria a relação com a aristocracia argentina, sublevando setores nacionalistas e indústrias argentinas. Já a comparação poderia se dar com qualquer líder autoritário contemporâneo a Perón, como seriam os casos de Getúlio Vargas, no Brasil, e Gamal Abdel Nasser, no Egito, líderes de regimes autoritários com amplo apoio social e que chegaram ao poder por meios democráticos. A conceitualização, por sua vez, partiria da ideia de civilização

<sup>8</sup> CONRAD, Sebastian. *O que é história global?*. Tradução de Teresa Furtado e Bernardo Cruz. Lisboa: Edições 70, 2019. p. 16.

<sup>9</sup> SANTOS JÚNIOR, João Júlio Gomes dos; SOCHACZEWSKI, Monique. História global: um empreendimento intelectual em curso. *Tempo*, Niterói, v. 23, n. 3, set./dez. 2017.

<sup>10</sup> SANTOS JÚNIOR, João Júlio Gomes dos; SOCHACZEWSKI, Monique. História global: um empreendimento intelectual em curso. *Tempo*, Niterói, v. 23, n. 3, set./dez. 2017.

latino-americana, em que um líder carismático, com amplo apoio popular, atuaria de forma intervencionista em setores como a economia, por exemplo. Por fim, no que concerne à contextualização, o mundo assistia, nesse momento, à ascensão global de partidos mais comprometidos com os mercados locais, na esteira do mundo pós-Segunda Guerra Mundial, de declínio da Grã-Bretanha e ascensão da URSS<sup>11</sup>.

Dessa breve revisão acerca da História Global, percebe-se que essa perspectiva mostra-se especialmente relevante para a compreensão e contextualização do(s) populismo(s). Em vez de se limitar a rotular governos ou governantes de forma superficial, a História Global oferece uma abordagem mais ampla ao conceito de populismo, capaz de ultrapassar as restrições do nacionalismo metodológico e abrir novos horizontes interpretativos para este que é uma chave interpretativa e um fenômeno histórico descrito globalmente.

### **Populismo(s)**

Discutidos brevemente os parâmetros que norteiam a História Global, vejamos as principais considerações de autores que se debruçaram acerca do populismo enquanto conceito e fenômeno histórico.

Segundo Murilo Leal Pereira Neto, os conceitos históricos são “categorias ou conceitos próprios para a investigação de processo, ao escrutínio dos ‘fatos’ que no momento mesmo da interrogação, modificam sua forma”<sup>12</sup>. Baseando-se na compreensão de Reinhart Koselleck, Otávio Erbereli Júnior evidencia que conceitos históricos devem ser compreendidos desde sua abordagem inicial como expressões polissêmicas, sendo portadores de variados sentidos e significados. Ainda segundo Erbereli Júnior,

---

<sup>11</sup> SANTOS JÚNIOR, João Júlio Gomes dos; SOCHACZEWSKI, Monique. História global: um empreendimento intelectual em curso. *Tempo*, Niterói, v. 23, n. 3, set./dez. 2017.

<sup>12</sup> PEREIRA NETO, Murilo Leal. Conclusão. *O voto e a vida: democracia, populismo e comunismo nas eleições de 1954 e 1962 em São Paulo*. 3. ed. São Paulo: Alameda, 2023, p. 638.

essa diversidade interessa aos historiadores na medida em que apresenta uma diversidade histórica, sendo necessário considerar o conceito a partir do tempo e espaço em que se encontra inserido<sup>13</sup>.

Nesse sentido, e tomando como referência Leonardo Segura Moraes e Pedro Dutra Cesar Fonseca, o populismo, enquanto conceito histórico, possibilita a análise de fenômenos “político-econômicos ou movimentos sociais complexos e historicamente distintos” que, “embora aparentemente diferentes, possuem em comum uma união dialética entre teoria e prática (práxis) política binária centrada no conflito”<sup>14</sup>. Ainda segundo os autores:

Abstraindo suas especificidades particulares, o fato é que emergem como expressão concreta do acirramento do conflito social em cada uma dessas formações sociais, e, também, constituem movimentos populares com aspirações nacionalistas e antielitistas<sup>15</sup>.

Localizado na órbita das disputas, o conceito de populismo, especialmente quando apropriado à análise da política brasileira entre as décadas de 1930 e 1964, torna-se central. Sua historicidade revela que a apropriação do termo não ocorreu pelos agentes do período que ele caracteriza, mas foi posteriormente adotada por diferentes gerações de estudiosos. Discorrendo acerca dessa historicidade, Jorge Ferreira, em “O nome e a coisa: o populismo na política brasileira”<sup>16</sup>, apresenta a evolução histórica do populismo enquanto categoria explicativa. Sem pretender ser

<sup>13</sup> ERBERELI JÚNIOR, Otávio. Do populismo “clássico” ao neopopulismo: trajetória e crítica de um conceito. *Revista Eletrônica História em Reflexão*, Dourados, v. 7, n. 13, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/historiaemreflexao/article/view/2518>. Acesso em: 27 set. 2025.

<sup>14</sup> MORAES, Leonardo Segura; FONSECA, Pedro Dutra Cesar. Populismo como conceito: teoria e história das interpretações. *Revista de Economia Contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 28, p. 1-31, 2024. p. 6. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rec/a/K9CjPP4nSTgP8xWFXCFkMtq/?lang=pt>. Acesso em: 27 set. 2025.

<sup>15</sup> MORAES, Leonardo Segura; FONSECA, Pedro Dutra Cesar. Populismo como conceito: teoria e história das interpretações. *Revista de Economia Contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 28, p. 1-31, 2024. p. 7-8. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rec/a/K9CjPP4nSTgP8xWFXCFkMtq/?lang=pt>. Acesso em: 27 set. 2025.

<sup>16</sup> FERREIRA, Jorge. O nome e a coisa: o populismo na política brasileira. In: FERREIRA, Jorge (org.). *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 59-124.

repetitivo quanto às ideias do autor, destaco seus principais argumentos em concordância com autores contemporâneos, na tentativa de compreender o próprio conceito aqui em discussão.

Ferreira inicia sua argumentação destacando o chamado “populismo de primeira geração”. Segundo o autor, os primeiros intelectuais, inspirados pelas interpretações do Grupo de Itatiaia e pela perspectiva sociológica, fundamentados na teoria da modernização<sup>17</sup>, compreenderam, na década de 1950, o populismo como um fenômeno caracterizado pela cooptação e manipulação das massas<sup>18</sup>.

Antes de prosseguirmos na análise dos argumentos aventados por Ferreira, cabe contextualizar a primeira geração, mencionando a análise clássica de Hélio Jaguaribe acerca do populismo. Advogado e sociólogo carioca, Jaguaribe discute a questão do populismo no texto “O que é o Ademarismo?”<sup>19</sup>, considerando o governo do ex-governador paulista Ademar de Barros.

Para Jaguaribe, o populismo se constituiu graças a três importantes elementos. Inicialmente, o populismo teria frutificado graças ao processo de massificação das classes operárias nos ambientes urbanos, sem necessariamente desenvolverem uma consciência de classe. O segundo elemento estaria vinculado à derrocada da classe dirigente, transformada em

---

<sup>17</sup> A teoria da modernização, segundo Jorge Ferreira (2001, p. 63), sustenta que a América Latina teria assistido a uma inserção no mundo moderno fora dos padrões clássicos da democracia liberal europeia. A América Latina teria passado, assim, de uma sociedade tradicional, baseada fundamentalmente em aristocracias rurais, para sociedades altamente urbanizadas e industrializadas, mobilizando, dessa maneira, massas populares em êxodo dos campos para as cidades, e na luta por participação política e social. A resolução para essa massa mobilizada, ainda segundo Ferreira, seria dada por meio de “golpes militares ou com ‘revoluções nacionais-populares’, sendo que as últimas, sobretudo seus resultados, foram nomeadas de populismo”.

<sup>18</sup> FERREIRA, Jorge. O nome e a coisa: o populismo na política brasileira. In: FERREIRA, Jorge (org.). *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 59-124.

<sup>19</sup> JAGUARIBE, Helio. O que é Ademarismo?. In: SCHWARTZMAN, Simon (org.). *O pensamento nacionalista e os “Cadernos de Nosso Tempo”*. Brasília: Editora Universidade de Brasília; Câmara dos Deputados, 1981, p. 21-28. (Coleção “Biblioteca do Pensamento Político Republicano”, v. 6).



classe dominante e descaracterizada dos valores e estilos de vida informadores da conduta média da comunidade. Por fim, o terceiro elemento centrava-se no líder populista, figura carregada do aparato de apelo às massas e apto a mobilizá-las politicamente para a conquista do poder. Essa figura seria essencial em sociedades que foram massificadas, tanto pela mobilização dos estratos proletarizados quanto pela dos estratos superiores<sup>20</sup>.

Analisando especificamente o caso brasileiro, Jaguaribe pontua que o populismo teria se formado seguindo o padrão descrito anteriormente, no qual o processo de massificação não foi acompanhado de formação de consciência e organização de classe pelo proletariado brasileiro. Essa condição, segundo o autor, deu-se em decorrência da recente formação de um exército de mão de obra recrutado nos meios rurais, gestada em um contexto de cessamento do acesso aos produtos industrializados no imediato início da Segunda Guerra Mundial em 1939<sup>21</sup>. Essa falta de conscientização, segundo o autor, teria implicado a prevalência do Estado frente às concessões de interesse de classe, como se verifica por meio das relações trabalhistas:

Assim é que a legislação trabalhista, em lugar de resultar das reivindicações operárias, foi promulgada de cima para baixo pelo Estado, nos períodos em que este foi dirigido por representantes da classe média que haviam conquistado o poder revolucionariamente. E ainda hoje, decorridos mais de vinte anos desde a Revolução de 30, a sindicalização salvo no Estado de São Paulo e, até certo ponto, no Distrito Federal, não é um movimento espontâneo do operariado, mas o produto de uma política governamental<sup>22</sup>.

<sup>20</sup> JAGUARIBE, Helio. O que é Ademarismo?. In: SCHWARTZMAN, Simon (org.). *O pensamento nacionalista e os "Cadernos de Nosso Tempo"*. Brasília: Editora Universidade de Brasília; Câmara dos Deputados, 1981, p. 21-28. (Coleção "Biblioteca do Pensamento Político Republicano", v. 6).

<sup>21</sup> JAGUARIBE, Helio. O que é Ademarismo?. In: SCHWARTZMAN, Simon (org.). *O pensamento nacionalista e os "Cadernos de Nosso Tempo"*. Brasília: Editora Universidade de Brasília; Câmara dos Deputados, 1981, p. 21-28. (Coleção "Biblioteca do Pensamento Político Republicano", v. 6).

<sup>22</sup> JAGUARIBE, Helio. O que é Ademarismo?. In: SCHWARTZMAN, Simon (org.). *O pensamento nacionalista e os "Cadernos de Nosso Tempo"*. Brasília: Editora Universidade de Brasília; Câmara dos Deputados, 1981, p. 21-28. (Coleção "Biblioteca do Pensamento Político Republicano", v. 6).



Retomando a argumentação de Jorge Ferreira, o chamado “populismo de segunda geração”, fundamentalmente vinculado às correntes marxistas e pouco crítico à primeira geração, teria se estruturado a partir do binômio repressão-propaganda, teoria do controle social e enfoque totalitário. Para o autor, essa segunda geração consolidou uma interpretação em que a classe trabalhadora surgia representada como vítima da opressão estatal, em uma relação desprovida de interações e interlocuções entre as partes, marcada profundamente pela

[...] dominação ideológica, em alguns casos psicológica, teriam tido a capacidade de manipular, por meio de imagens e representações, as emoções e a sensibilidade das pessoas, dominando, inclusive, as suas mentes<sup>23</sup>.

Ferreira observa que, em menor escala, os historiadores culturais, especialmente a partir da década de 1980, contribuíram para a compreensão da relação entre a chamada História Cultural e o trabalhismo dos “anos populistas”. Essa abordagem, influenciada por autores como Carlo Ginzburg, Roger Chartier, Peter Burke, Edward Palmer Thompson, entre outros, questionava a noção de hierarquia cultural, evidenciando as formas pelas quais as classes populares podiam atuar e construir estratégias diante de sua própria realidade social.

Por este enfoque, os trabalhadores, “ao viverem sua própria história”, deixam de ser considerados simples objeto de regulamentação estatal! O próprio projeto trabalhista, para ser compreendido e aceito, não pode ignorar o patrimônio simbólico presente na cultura política popular. O sucesso do trabalhismo, portanto, não foi arbitrário, e muito menos imposto pela propaganda política e pela máquina policial<sup>24</sup>.

<sup>23</sup> FERREIRA, Jorge. O nome e a coisa: o populismo na política brasileira. In: FERREIRA, Jorge (org.). *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 93.

<sup>24</sup> FERREIRA, Jorge. O nome e a coisa: o populismo na política brasileira. In: FERREIRA, Jorge (org.). *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 102.

No mesmo sentido, Daniel Aarão Reis, no artigo “Estado e trabalhadores: o populismo em questão”, ressalta a relevância de trabalhos como os do historiador inglês Thompson, citado anteriormente, para a formulação de uma nova perspectiva acerca do fenômeno populista. Em contraste com as interpretações das primeiras gerações, que compreendiam o populismo primordialmente como resultado da manipulação das massas trabalhadoras, os pesquisadores influenciados pela leitura thompsoniana passaram a sustentar que “a partir de 1945, a grande maioria das classes trabalhadoras participam, ativa e conscientemente, da construção do projeto nacional-estatista”<sup>25</sup>.

Por fim, Ferreira salienta o que considera como o “colapso do populismo”. Para o autor, ao final da década de 1990, tornou-se possível afirmar que “aqueles que recusaram as abordagens que privilegiam a manipulação e a tutela estatal dos trabalhadores após 1930 deixaram de ser vozes isoladas”<sup>26</sup>. Diversos autores, entre eles Angela Maria de Castro Gomes, com seu trabalho “A invenção do trabalhismo”, de 1988, passaram a desacreditar às premissas do populismo na política brasileira, definidas pelas duas gerações anteriores como chave interpretativa para os anos de 1930 e 1964.

Concordando com Ferreira quanto à derrocada do pensamento populista clássico, Reis, amparado nos mesmos estudos Gomes, citado anteriormente, salienta que “parte da classe trabalhadora viu com simpatia, quando não participou ativa e conscientemente do processo de construção desses projetos”<sup>27</sup>. Sustentando sua argumentação, o autor elenca dois pontos fundamentais para compreender a adoção consciente por parte dos

<sup>25</sup> REIS, Daniel Aarão. Estado e trabalhadores: o populismo em questão. *Locus: Revista de História*, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, 2011. p. 95-96.

<sup>26</sup> FERREIRA, Jorge. O nome e a coisa: o populismo na política brasileira. In: FERREIRA, Jorge (org.). *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 107.

<sup>27</sup> REIS, Daniel Aarão. Estado e trabalhadores: o populismo em questão. *Locus: Revista de História*, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, 2011. p. 94-95.

trabalhadores do projeto varguista. Em primeiro lugar, Vargas conseguiu retornar ao poder por via democrática em 1950. Em segundo lugar, após seu suicídio, a população mostra-se visivelmente sensibilizada pela morte do ex-líder, rendendo mobilizações em sua homenagem<sup>28</sup>. Assim, o populismo passou a desfrutar de cada vez menos prestígio entre os acadêmicos. Diante disso, o autor afirma que:

Para concluir eu diria que o conceito de populismo é incapaz, a meu ver, de compreender o processo histórico brasileiro e só contribui, no melhor dos casos, para a perpetuação da ignorância, ou no pior, para articulação das forças mais obscuras e reacionárias que esse país já conheceu<sup>29</sup>.

Coincidentemente, à medida que o conceito perdia relevância acadêmica, assistiu-se ao seu esvaziamento no senso comum, decorrente, sobretudo, de sua vulgarização enquanto categoria aplicada de forma indiscriminada a fenômenos e personagens políticos. Segundo Neto, as interpretações acerca do populismo tornaram-se uma “polêmica planetária ou, pelo menos, intercontinental, envolvendo autores latino-americanos, norte-americanos e europeus”<sup>30</sup>. Refletir acerca da possibilidade de se escrever uma história global do populismo perpassa, nesse sentido, por compreender diferentes camadas em que o populismo se apresentou ou se apresenta, buscando, assim, um esclarecimento possível para a questão inicial.

Partindo de uma perspectiva local, Adriano Duarte e Paulo Fonte<sup>31</sup> consideram o conceito de populismo para entender o fenômeno político

<sup>28</sup> REIS, Daniel Aarão. Estado e trabalhadores: o populismo em questão. *Locus: Revista de História*, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, 2011.

<sup>29</sup> REIS, Daniel Aarão. Estado e trabalhadores: o populismo em questão. *Locus: Revista de História*, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, 2011. p. 108.

<sup>30</sup> PEREIRA NETO, Murilo Leal. Conclusão. *O voto e a vida: democracia, populismo e comunismo nas eleições de 1954 e 1962 em São Paulo*. 3. ed. São Paulo: Alameda, 2023. p. 629-630.

<sup>31</sup> DUARTE, Adriano; FONTE, Paulo. O populismo visto da periferia: Adhemarismo e Janismo nos Bairros da Mooca e São Miguel Paulista (1947-1953). *Cadernos AEL*, Campinas, v. 11, p. 83-125,

ocorrido na metade do século XX na cidade de São Paulo. Considerando dois personagens centrais desse período, tendo sido um deles citado anteriormente, Adhemar de Barros e Jânio Quadros, assim como organizações de bairros e a participação popular envolvida em suas agendas, os autores defendem que o populismo pode ser um conceito importante não somente para compreender as políticas desenvolvidas por esses atores, mas também o protagonismo da classe trabalhadora no agenciamento de suas demandas. Seria, assim, pela mediação dos diferentes interesses entre classes dirigentes e populares que o populismo se operacionalizou. Segundo os autores:

De modo que, em vez de tomá-lo como um fenômeno imposto de fora para dentro da classe, ou como uma ideologia, que implicaria a manipulação externa, ambos modos insatisfatórios de operar com conceitos históricos, parece adequado compreendê-lo como um sistema político. Ou seja, uma conjugação complexa e sofisticada de interesses e disputas entre atores desiguais, mas não prescinde da reciprocidade e da negociação, na qual as classes populares estiveram presentes de forma decisiva<sup>32</sup>.

A compreensão de Francisco Weffort acerca do populismo, muito alinhada à primeira geração analisada por Ferreira e descrita anteriormente, vê esse fenômeno político como algo exclusivo da América Latina e do século XX. Segundo Weffort, o populismo, no caso brasileiro, surge como uma resposta à “crise oligárquica e do liberalismo, sempre muito afins na história brasileira, e do processo de democratização do Estado que, por sua vez, teve que apoiar-se sempre em algum tipo de autoritarismo”<sup>33</sup>, e se caracteriza pela “personalização do poder, a imagem (meio real e meio mística) da soberania do Estado sobre o conjunto da sociedade e a necessidade da participação

2004. Disponível em: <https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/ael/article/view/2534>. Acesso em: 27 set. 2025.

<sup>32</sup> DUARTE, Adriano; FONTE, Paulo. O populismo visto da periferia: Adhemarismo e Janismo nos Bairros da Mooca e São Miguel Paulista (1947-1953). *Cadernos AEL*, Campinas, v. 11, p. 83-125, 2004. p. 117. Disponível em: <https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/ael/article/view/2534>. Acesso em: 27 set. 2025.

<sup>33</sup> WEFFORT, Francisco. *O populismo na política brasileira*. 3. ed. São Paulo: Paz & Terra, 1989. p. 61.

das massas populares urbanas"<sup>34</sup>. Assim, Weffort entendeu o populismo como política endêmica das democracias dependentes dos países latino-americanos. O líder populista assumiria a figura de um árbitro na conciliação, ou melhor, na arbitrariedade dos diferentes interesses desses estados.

Vertente reconhecida como clássica, a interpretação de Weffort pode ser útil na tentativa de compreender esse movimento na política latino-americana, porém pouco eficaz quando do entendimento de outras realidades históricas possíveis. Seria importante salientar, nesse sentido, as delimitações propostas pelo autor brasileiro, para que possamos nos apropriar de suas ideias para buscar entender outros contextos.

Por meio de uma outra perspectiva, Chantal Mouffe propõe uma interpretação entendida como "populismo de esquerda". Caracterizado como uma estratégia adequada para "recuperar e aprofundar os ideais de igualdade e de soberania popular, que são construtivos na política democrática"<sup>35</sup>, Chantal defende que o populismo de esquerda busca recuperar e aprofundar a democracia, de forma que uma cadeia de equivalência entre demandas de trabalhadores, imigrantes e classe média precarizada culminará em uma "nova hegemonia que permitirá a radicalização da democracia"<sup>36</sup>.

Buscando explicar o populismo enquanto fenômeno, Chantal pontua o que considera como "momento populista":

Podemos falar de um "momento populista" quando, sob a pressão de transformações políticas ou socioeconômicas, a hegemonia dominante é desestabilizada pela multiplicação de demandas insatisfeitas. Nessas situações as instituições existentes falham em garantir a lealdade das pessoas, na tentativa de defender a ordem existente. Como resultado, o bloco histórico que estabelece a base social de uma formação hegemônica é desarticulado, e surge a

<sup>34</sup> WEFFORT, Francisco. *O populismo na política brasileira*. 3. ed. São Paulo: Paz & Terra, 1989. p. 69.

<sup>35</sup> MOUFFE, Chantal. *O momento populista*. Por um populismo de esquerda. São Paulo: Autonomia Literária, 2020. p. 29.

<sup>36</sup> MOUFFE, Chantal. *O momento populista*. Por um populismo de esquerda. São Paulo: Autonomia Literária, 2020. p. 48.

possibilidade da construção de um novo sujeito de ação coletiva – o povo – capaz de reconfigurar uma ordem social tida como injusta.<sup>37</sup>

Não se limitando a um recorte temporal e espacial específico, temos uma concepção mais ampla para poder pensar no populismo, podendo este ser apropriado por ideologias de esquerda dentro do sistema democrático em diferentes realidades sociais.

Pensando nesse sentido, Maria Bridget Chesterton, Gary Marotta e York Norman, na introdução da obra *Transformations of populism in Europe and the Americas*, demonstram como ideias consideradas populistas são apropriadas pela direita em países como Estados Unidos, Alemanha e Balcãs<sup>38</sup>. Dilatando ainda mais a questão, o conceito de populismo poderia ser, ele mesmo, uma chave interpretativa para compreender fenômenos de diferentes naturezas ideológicas e contextos sociais.

Para tanto, os autores elencam uma série de características que seriam próprias de tais políticas, como a crença na soberania popular e sua plena realização política, o populismo como resposta a uma crise real ou percebida, a hostilidade às elites conservadoras tradicionais, a hostilidade à política liberal representativa, entre outras características. Além disso, os autores permitem refletir sobre de que maneira o conceito de populismo poderia, ao mesmo tempo, explicar tanto eventos passados, como os governos de Getúlio Vargas, no Brasil, e Domingo Juan Perón, na Argentina, quanto contemporâneos, como os mandatos de Hugo Chávez, na Venezuela, e Evo Morales, na Bolívia, dadas suas devidas proporções<sup>39</sup>.

Portanto, esta breve revisão bibliográfica acerca do populismo enquanto conceito e fenômeno nos oferece uma visão mais clara da

<sup>37</sup> MOUFFE, Chantal. *O momento populista*. Por um populismo de esquerda. São Paulo: Autonomia Literária, 2020. p. 31-32.

<sup>38</sup> CHESTERTON, Bridget Maria; MAROTTA, Gary; NORMAN, York. Introduction. In: ABROMEIT, John. et al. (ed.). *Transformations of populism in Europe and the Americas: history and recent tendencies*. Nova Iorque: Bloomsbury Academic, 2017.

<sup>39</sup> CHESTERTON, Bridget Maria; MAROTTA, Gary; NORMAN, York. Introduction. In: ABROMEIT, John. et al. (ed.). *Transformations of populism in Europe and the Americas: history and recent tendencies*. Nova Iorque: Bloomsbury Academic, 2017.

polissemia que envolve o populismo. As diversas interpretações demonstram como ele pode ser operacionalizado para tentar entender eventos específicos dentro de contextos históricos e sociais próprios, revelando, assim, sua potencialidade global e globalizante. Contudo, o esvaziamento do termo surge como um problema, especialmente quando consideramos a sua complexidade histórica e as múltiplas dimensões que pode abranger.

A superficialidade com que o conceito é frequentemente tratado pode reduzir sua capacidade explicativa, dificultando uma análise mais profunda. Portanto, é essencial que a próxima seção retome o problema central, buscando um aprofundamento do tema a partir da perspectiva dos historiadores, que são capazes de contextualizar as diferentes manifestações do populismo ao longo do tempo, levando em consideração suas variáveis políticas, sociais e culturais. Essa abordagem permite não apenas esclarecer as múltiplas facetas do conceito, mas também entender como ele se insere e se transforma em diferentes momentos históricos.

### **Uma história global do populismo?**

Retomemos a pergunta inicialmente proposta: seria possível escrever uma história global do populismo? Tendo em mente a complexidade tanto do conceito quanto do fenômeno, e os debates acadêmicos decorrentes, não caberia aqui uma resposta definitiva para a questão. Por outro lado, apresentar um caminho historiográfico em um estilo mais ensaístico aparenta ser uma boa oportunidade para lançar um olhar para a questão.

Ao refletir sobre a escrita de uma história global do populismo, torna-se essencial reconhecê-la como uma possibilidade que atravessa ampla diversidade acadêmica no plano conceitual, assim como extensa abrangência temporal e geográfica enquanto fenômeno histórico. À luz das diferentes abordagens previamente discutidas, a História Global revela-se uma perspectiva historiográfica particularmente frutífera para o estudo de



fenômenos que se manifestam em larga escala espacial. O populismo, enquanto chave explicativa para fenômenos históricos, adquire um lugar privilegiado de análise, cabendo aos historiadores aprofundar-se nas questões que emergem e que ainda poderão emergir desse campo de investigação.

Além disso, o populismo se revela em diferentes escalas espaciais. A partir de questões mais locais, como as eleições municipais em São Paulo, é possível expandir o foco para uma perspectiva regional, como a América Latina, ou até mesmo alcançar uma dimensão mais global, abrangendo contextos como Rússia, Alemanha, Balcãs e Estados Unidos<sup>40</sup>. Dada essa flexibilidade, uma história global do populismo oferecerá aos historiadores uma possibilidade de desafiar e desconstruir narrativas historiográficas que, com frequência, reforçam limitações de caráter nacional. Contudo, é fundamental não perder de vista uma outra dimensão crucial: o tempo.

Considerando o recorte temporal para a elaboração de uma história global do populismo, é imprescindível levar em consideração sua historicidade. Com um debate que remonta aos Estados Unidos e à Rússia dos séculos XIX<sup>41</sup>, o populismo, enquanto conceito explicativo de fenômenos contemporâneos, é revitalizado ao buscar entender as realidades atuais.

Perpassando pelas décadas de 1920 e 1930, o populismo foi percebido por autores em diferentes contextos sociais, desde a América Latina até os movimentos de extrema direita na Europa do entre guerras. Como exemplo contemporâneo, cita-se o discurso de Steve K. Bannon, porta-voz da extrema direita dos Estados Unidos e ex-assessor de Donald Trump. Momentos antes da posse de Trump, Bannon descreve aquele evento como uma grande

<sup>40</sup> CHESTERTON, Bridget Maria; MAROTTA, Gary; NORMAN, York. Introduction. In: ABROMEIT, John. et al. (ed.). *Transformations of populism in Europe and the Americas: history and recent tendencies*. Nova Iorque: Bloomsbury Academic, 2017.

<sup>41</sup> ERBERELI JÚNIOR, Otávio. Do populismo "clássico" ao neopopulismo: trajetória e crítica de um conceito. *Revista Eletrônica História em Reflexão*, Dourados, v. 7, n. 13, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/historiaemreflexao/article/view/2518>. Acesso em: 27 set. 2025.

celebração do “populismo e nacionalismo americanos”<sup>42</sup>. Assim, compreender a historicidade do conceito envolve analisá-lo enquanto uma construção histórica, examinando suas diversas formas de operação, seja por aqueles que o utilizam politicamente, seja pelos intérpretes da política contemporânea.

Por fim, e não menos importante, as fontes históricas para a construção de uma história global do populismo devem ser cuidadosamente delimitadas. Inseridas em um recorte espacial e temporal mais amplo do que o abordado em estudos convencionais sobre o conceito, essas fontes devem abranger desde os tradicionais documentos escritos, fotografias, filmes e registros radiofônicos, até as produções da era digital, como postagens em redes sociais. Nesse sentido, o historiador precisará desenvolver uma metodologia que se adeque aos seus objetivos e à tipologia documental, a fim de garantir uma coleta e análise de dados eficazes.

Embora a questão inicial ainda não tenha uma resposta definitiva, ela pode ser enriquecida pelos apontamentos feitos anteriormente. Escrever uma história global do populismo pode parecer uma tarefa ambiciosa, mas é, sem dúvida, possível. Ao considerar as diferentes perspectivas, os recortes temporais e espaciais, bem como a diversidade de fontes, estudiosos e, especialmente, historiadores audaciosos podem encontrar um caminho pouco explorado até o momento.

### **Considerações finais**

A análise da possibilidade de escrever uma história global do populismo revelou a complexidade intrínseca ao conceito e à sua aplicação em diferentes contextos históricos e geográficos. A pluralidade de interpretações sobre o populismo, desde a visão negativa adotada pelos meios de

---

<sup>42</sup> NOGUEIRA, Carolina. Sem o pai, Eduardo Bolsonaro encontra Milei, Trump Jr. e Bannon nos EUA. *UOL*, 19 jan. 2025. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2025/01/19/sem-o-pai-eduardo-bolsonaro-encontra-milei-trump-jr-e-bannon-nos-eua.htm>. Acesso em: 24 jan. 2025.

comunicação até as abordagens mais acadêmicas e teóricas, como as de autores latino-americanos, europeus e estadunidenses, indica a impossibilidade de uma definição simplória. Sua vulgarização revela o esvaziamento do seu significado, dificultando uma análise profunda e precisa dos fenômenos políticos que o caracterizam.

Contudo, ao investigar o populismo sob diferentes perspectivas, percebe-se que o conceito oferece uma chave interpretativa rica para compreender não só os eventos políticos de um determinado período ou local, mas também as dinâmicas de poder, classe e identidade que perpassam tais fenômenos. A partir das diversas abordagens discutidas, fica claro que o populismo se manifesta de formas variadas, adaptando-se às especificidades culturais, políticas e sociais de cada contexto. Isso sugere que uma história global do populismo, embora desafiadora, é uma tarefa viável e necessária, capaz de enriquecer nossa compreensão dos processos políticos que moldaram e continuam a moldar o cenário global.

## Referências

CHESTERTON, Bridget Maria; MAROTTA, Gary; NORMAN, York. Introduction. In: ABROMEIT, John. et al. (ed.). *Transformations of populism in Europe and the Americas: history and recent tendencies*. Nova Iorque: Bloomsbury Academic, 2017, p.

CONRAD, Sebastian. *O que é história global?* Tradução de Teresa Furtado e Bernardo Cruz. Lisboa: Edições 70, 2019.

DUARTE, Adriano; FONTE, Paulo. O populismo visto da periferia: Adhemarismo e Janismo nos Bairros da Mooca e São Miguel Paulista (1947-1953). *Cadernos AEL*, Campinas, v. 11, p. 83-125, 2004. Disponível em: <https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/ael/article/view/2534>. Acesso em: 27 set. 2025.

ERBERELI JÚNIOR, Otávio. Do populismo "clássico" ao neopopulismo: trajetória e crítica de um conceito. *Revista Eletrônica História em Reflexão*, Dourados, v. 7, n. 13, jan./jun. 2013. Disponível em:

<https://ojs.ufgd.edu.br/historiaemreflexao/article/view/2518>. Acesso em: 27 set. 2025.

FERREIRA, Jorge. O nome e a coisa: o populismo na política brasileira. In: FERREIRA, Jorge (org.). *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 61-124.

JAGUARIBE, Helio. O que é Ademarismo?. In: SCHWARTZMAN, Simon (org.). *O pensamento nacionalista e os "Cadernos de Nosso Tempo"*. Brasília: Editora Universidade de Brasília; Câmara dos Deputados, 1981, p. 21-28 (Coleção "Biblioteca do Pensamento Político Republicano", v. 6).

MORAES, Leonardo Segura; FONSECA, Pedro Dutra Cesar. Populismo como conceito: teoria e história das interpretações. *Revista de Economia Contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 28, p. 1-31, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rec/a/K9CjPP4nSTgP8xWFXCFkMtq/?lang=pt>. Acesso em: 27 set. 2025.

MOUFFE, Chantal. *O momento populista*. Por um populismo de esquerda. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

NOGUEIRA, Carolina. Sem o pai, Eduardo Bolsonaro encontra Milei, Trump Jr. e Bannon nos EUA. *UOL*, 19 jan. 2025. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2025/01/19/sem-o-pai-eduardo-bolsonaro-encontra-milei-trump-jr-e-bannon-nos-eua.htm>. Acesso em: 24 jan. 2025.

PEREIRA NETO, Murilo Leal. Conclusão. In: PEREIRA NETO, Murilo Leal. *O voto e a vida: democracia, populismo e comunismo nas eleições de 1954 e 1962 em São Paulo*. 3. ed. São Paulo: Alameda, 2023, p. 629-652.

REIS, Daniel Aarão. Estado e trabalhadores: o populismo em questão. *Locus: Revista de História*, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20166>. Acesso em: 27 set. 2025.

SANTOS JÚNIOR, João Júlio Gomes dos; SOCHACZEWSKI, Monique. História global: um empreendimento intelectual em curso. *Tempo*, Niterói, v. 23, n. 3, set./dez. 2017.

WEFFORT, Francisco. *O populismo na política brasileira*. 3. ed. São Paulo: Paz & Terra, 1989.